Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 26 | 2009

O Tempo das Revistas

As minhas revistas

Mário Soares

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/740>

DOI: 10.4000/cultura.740

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2009

Paginação: 15-18

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Mário Soares, « As minhas revistas », *Cultura* [Online], Vol. 26 | 2009, posto online no dia 16 setembro 2013, consultado a 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/740> ; DOI : 10.4000/cultura.740

As minhas revistas*

Mário Soares

Senhor Director da Faculdade, Senhora Professora, Senhores Professores, caro Dr. Alfredo Caldeira, minhas Senhoras e meus Senhores, meus caros Amigos:

Para a Fundação Mário Soares, é realmente um grande gosto, um estímulo e extremamente importante ter uma ligação como esta com a Universidade Nova. Nós temos vindo a colaborar com a Universidade Nova, estamos a fazer cursos de história contemporânea sucessivos – acabámos o último há poucas semanas – e temos vindo a publicar os livros, embora com algum atraso, de cada um destes cursos que constituem uma referência para os estudiosos. É extremamente estimulante para nós, na Fundação, e para os trabalhos que realizamos, ter um contacto assim com uma Universidade com o prestígio da Vossa.

Claro que temos bastantes outros contactos com as Universidades do Minho, do Porto, de Coimbra, de Évora, de Aveiro, dos Açores e do Algarve, bem como com a Universidade Católica de Lisboa e do Porto e, além disso, Universidades estrangeiras. Contudo, com a Universidade Nova de Lisboa, através da realização de cursos anuais, e agora através deste acordo, ficamos a ter uma parceria entre a vossa Universidade, a Biblioteca Nacional e a Fundação. Estamos, assim, a desenvolver e a aprofundar os laços culturais e históricos que nos unem, o que é para nós extremamente gratificante e fecundo.

Portanto, Senhora Professora, que teve a grande gentileza de nos agradecer, e Senhor Director, devo dizer-vos que nós é que agradecemos poder colaborar convosco e ajudar neste projecto, que é extremamente interessante, poder pôr ao alcance dos estudiosos o conteúdo das diferentes revistas de ideias que tiveram uma importância decisiva na história do Portugal do século XX, e que continuam a ter, embora realmente bastante menos do que aquela que têm hoje, por razões diversas, entre elas a importância dos novos meios informáticos.

* Transcrição das palavras do Dr. Mário Soares, Presidente da Fundação Mário Soares, por ocasião da sessão de apresentação da edição electrónica de *Alma Nacional*, que teve lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Como pertenço a outra geração, a informática é, para mim, praticamente chinês. Faço confiança, evidentemente, no director do Arquivo, que está, todo ele, informatizado, desde os pés à cabeça; dotou a Fundação de meios modernos e até, em alguns casos, pioneiros, como disse a Senhora Professora, e agora lançou esta reedição.

Esta edição, para os Senhores, deve ser entusiasmante mas, para mim, é bastante menos, devo confessá-lo. Sou, como sabem, um bibliófilo compulsivo e tenho muitas dessas revistas, em minha casa, que agora estão a ser digitalizadas.

A *Alma Nacional* é a primeira que se publica e depois vamos publicar *A Águia*. É a que se segue. Hoje estive a folhear *A Águia*, na minha biblioteca, na secção onde tenho as revistas portuguesas. *A Águia* é uma revista de grande qualidade e teve um papel cultural importantíssimo no início do século XX. A ela estão ligados grandes nomes da nossa Cultura, como Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra e tantos outros.

Pediram-me para falar, aqui, da importância das revistas que mais me marcaram. Devo dizer que, no plano literário, foram o *Orpheu*, depois a *Presença* e, mais tarde, o *Mundo Literário*, uma revista de que se fala muito pouco e que foi dirigida pelo grande poeta Adolfo Casais Monteiro, nos anos do pós-guerra. Teve uma influência bastante grande no Portugal dos anos 50.

Contudo, a revista que mais me marcou no domínio das ideias, da democracia e do pensamento filosófico, crítico e político-ideológico, foi, sem dúvida, a *Seara Nova*. Considero-me um “seareiro” tardio... Sou, como se sabe, republicano, socialista e laico, como o Prof. António Reis, aqui presente. A *Seara Nova* foi uma revista republicana, com grande simpatia pelo socialismo em liberdade e cooperativista – sobretudo na sua primeira fase. Demonstrou uma extraordinária criatividade e inteligência crítica. Tinha o melhor que produziu o pensamento português da época, em todos os aspectos. Nasceu em 1921, na fase final da I República, e sobreviveu, graças a Câmara Reis, à Ditadura.

Mais tarde surgiu, em Coimbra, a revista *Vértice*. Teve, realmente, uma grande influência. Foi uma revista neo-realista fortemente influenciada pelo comunismo, que não disse, no fundo, qual a sua ideologia, porque não podia dizer. Havia então uma censura feroz nesses anos da grande repressão salazarista.

A *Vértice* foi uma revista do realismo socialista, mas nunca utilizou este título, porque a Censura nunca o permitiria. Chamou-se neo-realista, expressão mais ou menos literária e artística, que teve a vantagem de enganar a Censura. Publicou-se durante muitos anos e teve um papel, sem dúvida nenhuma, muito importante. Fui seu assi-

nante desde o primeiro número e colaborei nela algumas vezes (poucas), sobretudo no tempo da II Grande Guerra e dos anos que imediatamente se lhe seguiram, em que fui militante comunista.

Iremos publicar também *O Diabo* – nenhuma confusão com o pasquim do mesmo nome que se publicou depois do 25 de Abril. Antes disso, houve outro *O Diabo*, nos anos 39, 40, por aí..., dirigido por Campos Lima e Piteira Santos, que teve um papel importante na formação política da geração anterior à minha. E também outra revista que era congénere, que se publicava no Porto, a *Sol Nascente*, dirigida por Manuel de Azevedo. Foi uma revista breve, mas que teve um papel igualmente crítico da Ditadura, bem interessante.

No final já dos anos 60, houve uma revista que também foi importante: *O Tempo e o Modo*. Era uma revista católica progressista, assumida como tal e inspirada nos ensinamentos do Concílio Vaticano II. O seu fundador e director foi o escritor Alçada Baptista, meu querido amigo. Nela colaboraram, por pressão de Bénard da Costa, três não-católicos, o que foi altamente inédito e significativo: Salgado Zenha, Jorge Sampaio e eu próprio. Colaborámos no primeiro número de *O Tempo e o Modo* e ajudámos a lançá-lo, com grande polémica aliás, que nos veio dos nossos correligionários não-católicos e antifascistas, que nos perguntavam: “Porque é que vocês estão metidos com esses católicos?”

Os católicos, por seu lado, tinham uma preocupação inversa: “Porque é que vocês, católicos, os aceitaram?” O Bénard da Costa até contou uma vez em público que, no início, estavam em dúvida se nos deviam deixar entrar ou não. Propuseram então ao Alçada Baptista, que aceitou, que, antes de fazerem uma votação secreta sobre se sim ou se não, deviam rezar um padre-nosso, para se inspirarem. Assim foi. Rezaram e depois votaram. Da votação resultou que pudemos entrar. Significava isso, dizíamos nós a brincar, que o Espírito Santo estava connosco...

A revista foi lançada, teve êxito e uma evolução muito curiosa. Já no tempo do Vasco Pulido Valente e de outros, a revista foi assaltada pela extrema-esquerda, praticamente, pelos maoístas, e depois do Maio de 68 transformou-se no inverso daquilo que tinha sido. Não direi o contrário, mas tornou-se muito diferente daquilo que fora na sua fase inicial.

Isto para dizer que as revistas têm todas uma história. Marcaram, realmente, a vida intelectual portuguesa durante o século XX. Não há nenhum livro, por mais interessante que seja – alguns livros do Jaime Cortesão, os livros do António Sérgio, os livros do Raul Proença, que marcaram muito o pensamento político e filosófico do século

XX –, que tenha tido um efeito tão grande como tiveram as revistas que citei, particularmente a *Seara Nova*. A *Seara Nova* do tempo dos primeiros números, de Cortesão, de Raul Proença, de Azevedo Gomes, de Câmara Reis e depois de António Sérgio, que foram os grandes motores intelectuais da *Seara Nova*.

Claro que à direita também houve revistas interessantes, como as que saíram do Integralismo Lusitano. A *Nação Portuguesa* foi uma revista do Integralismo – também a tenho – onde, pode dizer-se, colaboraram espíritos superiores. Conheci-os quase todos, muito mais tarde. Luiz d’Almeida Braga, Hipólito Raposo, Pequito Rebelo, António Sardinha – que morreu cedo – foram grandes figuras do pensamento, da escrita e da literatura. Mas tinham uma orientação anti-republicana e eram partidários de uma Monarquia mais absoluta ainda do que a de D. Carlos e João Franco. Beberam muito do francês Charles Maurras e deram, indirectamente, um contributo ao salazarismo, de que se arrependeram mais tarde. Raul Proença tem vários textos em que os arrasa e denuncia o Integralismo Lusitano, que se dizia lusitano mas, na verdade, era copiado, em parte, do francês.

Era uma revista de Direita, mas os nomes que citei vieram todos, depois, a arrepender-se do apoio que deram a Salazar. Nos anos finais da vida deles – em que conheci alguns –, todos eram anti-salazaristas. António Sardinha não, porque, como disse, morreu antes.

Portanto, havia revistas de Direita e havia revistas de Esquerda, claramente definidas, que as pessoas liam, compravam, meditavam, discutiam nos cafés, nas tertúlias, por toda a parte, e que tiveram uma importância cultural enorme no meio acanhado de então.

Recolhermos isso tudo, pormos isso ao alcance das novas gerações, é uma empresa extremamente meritória, que deve ser aplaudida porque representa um contributo importante para o esclarecimento do século XX português e, portanto, para o esclarecimento do nosso presente e do nosso futuro próximo. Tudo mudou, é certo, e continua a mudar, aceleradamente. Mas as ideias, como as coisas, têm todas uma raiz, prolongam-se e depois dão os seus frutos em direcção ao futuro.

Para mim e para a Fundação, que aqui represento, é muito importante este acto. Felicito a Universidade Nova e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na pessoa do Senhor Director, pela vontade em cooperar connosco e por nos ter aberto a porta para iniciar este trabalho. Muito obrigado.

Lisboa, 14 de Dezembro de 2004